

A PRESENÇA DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE (CEBS) NA BUSCA E EFETIVAÇÃO DO DIREITO À MORADIA: UM RECORTE DA HISTÓRIA DO BAIRRO GEORGE AMÉRICO DE FEIRA DE SANTANA – BA

Franciele Engelmann¹
Giancarlo Petrini²

RESUMO

Da busca do direito à moradia nasce o bairro George Américo. Com a finalidade de poder oferecer melhores condições de vida digna às suas famílias e parentes, centenas de pessoas ocupam as terras do antigo campo de aviação de Feira de Santana na década de 80. Em meio ao cotidiano marcado pelas precárias condições de sobrevivência, as Comunidades Eclesiais de Base deixam-se afetar por tal realidade, são presença humana e solidária, que despertam para a mobilização social em busca da efetivação do direito à moradia.

Palavras-chave: Comunidades Eclesiais de Base, bairro George Américo, direito à moradia.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva apresentar a presença da religião católica na origem e formação do bairro George Américo de Feira de Santana - BA. Tal espaço geográfico nasce na década de 80, como fruto de uma ocupação urbana. Inúmeras famílias, marcadas pelo desemprego e por não terem casa própria aderem ao movimento e ocupam as terras do antigo campo de aviação da cidade, então desativado, em busca de efetivarem o direito à moradia e oportunizarem melhores condições de vida para seus filhos e parentes.

Em meio aos medos, incertezas e instabilidades que acompanham o cotidiano da ocupação, as Comunidades Eclesias de Base – CEBs, mediante a vivência comunitária e a inclusão de diferentes saberes, constituem-se em espaço de valorização e promoção da

¹Psicóloga graduada pela UFPR – Universidade Federal Do Paraná, Especialista em Psicologia Analítica e Religião Oriental e Ocidental pelo ICHTHYS – Instituto de Psicologia e Religião, Mestra em Família na Sociedade Contemporânea na UCSAL – Universidade Católica do Salvador, Doutoranda nesse mesmo Programa. Bolsista Fapesb. E-mail: psifran@yahoo.com.br. Autora.

² Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea na UCSAL - Universidade Católica do Salvador. E-mail: jcpetrini@terra.com.br. Co – autor.

dignidade humana, de mobilização social e fomentação da solidariedade, seja entre os ocupantes, seja na comunidade local, aspectos fundamentais para a construção do bairro.

Este trabalho constitui-se em um dos recortes investigados na dissertação de mestrado *Religião e Dádiva na efetivação de um projeto de moradia no bairro George Américo – Feira de Santana – BA*, desenvolvido no programa de Pós-graduação Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador – BA, no ano de 2014. Para a coleta de dados foram utilizados os instrumentos da observação de campo; um roteiro de entrevista semiestruturado; pesquisa bibliográfica, acerca dos trabalhos referentes à formação do bairro; Fontes Textuais, como as Cartas elaboradas no período da ocupação; Notícias e Manchetes articuladas pelo Jornal Feira Hoje, que proferia fatos do cotidiano da ocupação; Fontes Visuais, imagens relacionadas àqueles fatos e aos dias de hoje do bairro; um encontro sobre a Memória da Ocupação realizado por Maria Theresia Seewer (Irmã Marcela) na ESPA (Associação Educação para Saúde com Práticas Alternativas)³.

A amostra constituiu-se de vinte e cinco participantes, sendo cinco pessoas de cada uma das seguintes denominações religiosas: Assembleia de Deus, Batista Manancial, Católica, Candomblé e Internacional da Graça de Deus, incluídos nestes, o/a líder religioso/a, selecionados/as na observação de campo. As entrevistas realizadas nos próprios espaços religiosos ou nas residências dos participantes, seguiram-se à apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo gravadas e posteriormente transcritas. Atribuíram-se nomes fictícios aos entrevistados para proteger suas identidades, sem menção alguma, garantindo sigilo e confidencialidade.

Em função da brevidade desta construção teórica, o recorte aqui apresentado será o da presença da Igreja Católica no início e formação do bairro. Esperamos em outros artigos, abordar outros aspectos relacionados à pesquisa desenvolvida. A seguir, sem delongas, um pouco da história do bairro George Américo, olhada a partir das lentes da atuação das

³ Marcela se constitui em uma das memórias vivas da história do bairro. Acompanhou o cotidiano da ocupação durante muitos anos e atualmente coordena com uma equipe a ESPA – Associação Casa do Renascimento – Educação para a saúde, espaço que desenvolve atividades na área da medicina alternativa e educação popular, situada no bairro Campo Limpo. A entidade é fruto da ocupação do George Américo e algumas mulheres que compõem a equipe, na época faziam visitas e chás para os ocupantes, salvando com este simples feito, inúmeras vidas. Seu nome aqui é apresentado porque autorizou-nos a fazê-lo e ainda porque, conforme ela, já participou de outras pesquisas sobre a história do bairro.

Comunidades Eclesiais de Base, que em âmbito de Igreja Católica, surgem na década de 70, como uma possível resposta aos novos tempos, conforme expressado pelo Concílio Vaticano II; compreende a dimensão da vivência comunitária, da amizade e recíproco apoio, bem como uma dimensão política e cultural (PETRINI, 1984).

2 A OCUPAÇÃO DAS ANTIGAS TERRAS DO CAMPO DE AVIAÇÃO DE FEIRA DE SANTANA: O ATUAL BAIRRO GEORGE AMÉRICO

O George Américo é um dos bairros periféricos⁴ de Feira de Santana. Embora, fruto de uma ocupação aleatória⁵, identifica-se como produção popular planejada de espaços urbanos, razão pela qual se diferencia daquela, não apresentando o caráter irregular, espontâneo e desorganizado que comumente a acompanha (CALDAS, 1998).

Três elementos atuaram na formação do bairro, um técnico (escritório de engenharia e Topografia TOP-COP), um político (exercício de uma liderança) e um composto por dois movimentos sociais: a Associação dos Sem-Teto⁶ e o Movimento de Organização Comunitária⁷. Estas entidades participaram desde a elaboração do projeto de loteamento, que consistiu no planejamento antecipado deste espaço, até o momento da ocupação. A ação conjunta demarcou a área, distribuiu-a em lotes iguais, fixou as ruas e possibilitou que cada família cadastrada recebesse igualmente um lote; evitando que “essa ocupação se transformasse na maior favela de Feira de Santana” (CALDAS, 1998, p. 108).

Aos 28 dias do mês de novembro de 1987, aconteceu a ocupação do espaço que hoje constitui o bairro George Américo. Assim o noticia o Jornal Feira Hoje:

⁴ No contexto deste trabalho, utilizaremos o sentido de periferia articulado por Freitas (1998), para a qual no que diz respeito à geografia da cidade, o anel de contorno se constitui em limite: tudo o que se forma às margens, na parte externa da avenida de contorno é designado de bairros periféricos.

⁵ “Aleatório quer dizer à revelia dos padrões oficiais de aquisição da terra urbana” (CALDAS, 1998, p. 04).

⁶ Fundada por George Américo na década de 80, com os seguintes objetivos: “invadir áreas próximas a bairros já urbanizados; mobilizar formadores de opinião e instituições; sensibilizar a imprensa e a população; buscar apoio político partidário; envolver grande número de participantes/ocupantes; transformar a ocupação em um ato político; planejar a ocupação antecipadamente” (CALDAS, 1998, p 120). Atualmente, embora ainda perdure, o movimento já não existe mais com tanta capacidade de organização e mobilização em Feira de Santana mesmo persistindo o déficit habitacional na cidade (Ibid.).

⁷ Fundado em 1967, a partir do trabalho social da Igreja Católica. Sediada em Feira de Santana, constitui-se em entidade sem fins lucrativos que presta assessoria a movimentos sociais na cidade e na região.

Aproximadamente cinco mil pessoas munidas de picaretas, pás, enxadas e outros utensílios, invadiram, ontem, uma área onde funcionava o antigo campo de aviação, no bairro Campo Limpo, lideradas pelo presidente da Associação dos Sem-Teto, George Américo, que já havia antecipado a maior invasão da cidade (Manchete de capa do Jornal Feira Hoje, 29/11/1987).

Dentre a multidão, crianças, idosos, mulheres, jovens, trabalhadores, desempregados e funcionários públicos municipais, que se encontravam, desde a cinco horas da manhã, concentrados em grupos distribuídos em diferentes pontos da cidade – estratégia utilizada pelo movimento para despistar a ação da polícia. Chegando ao local, implantou-se no espaço vazio, o acampamento provisório (SANTOS, 2010).

Às precárias condições do cotidiano da ocupação, acrescentavam-se o medo, conflitos com a polícia, a instabilidade de permanecer ou não no espaço e efetivar o direito a moradia. O calor escaldante do dia e o frio da noite dificultavam a vida sob os barracos. Neste contexto, a presença comprometida e solidária da religião Católica, mediante a atuação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), foi fundamental para fomentar a solidariedade na comunidade feirense, promover a mobilização social e resgatar a dignidade humana.

O líder do movimento, George Américo, frente à dificuldade de acompanhar as demandas da ocupação, solicitou pessoalmente ajuda à Igreja Católica, mediante a pessoa de Marcela Theresia Seewer, na época religiosa da Congregação das Irmãs de Santa Cruz e uma das organizadoras das CEBs na Arquidiocese de Feira de Santana e residente nesse período, no Campo Limpo. Ao fazer memória do pedido do líder, ela nos relata:

George veio à minha casa, pedindo socorro porque não aguentava mais. Pedi dois dias para pensar como achar outras ajudas, porque uma andorinha só não faz verão. Então pedi ajuda às Comunidades do Campo Limpo, e à Associação AMBACLA, que se colocaram à disposição. Escolhemos 10 pessoas como representantes das Comunidades e da AMBACLA, e pedimos a George que escolhesse 10 representantes da Ocupação (18/07/2014)⁸.

Nasceu assim, uma comissão que constantemente se reunia para acompanhar e planejar os trabalhos na ocupação. Sobre a atuação da comissão, uma das mulheres católicas, por nós entrevistada, então membro da mesma, assim se expressou:

Ficamos nessa comissão organizando tudo, todas as coisas que vinham a comissão era que decidia pra resolver. Aí formamos essa comissão e ficamos

⁸ Encontro sobre a memória e ocupação do George Américo realizado por Marcela na ESPA.

trabalhando e trabalhamos até o George ficar completo. Nós saía daqui que horas? Nós saía daqui até 12 horas da noite, aí dentro, Marcela e a turma nossa, Marcela, Padre Fausto também. A gente tinha uma coragem que Jesus dava a gente com esse povo todo estranho e com essa ameaça que já tinha do prefeito, muitas ameaças, mas nós já tinha a nossa comissão firme e a gente tinha reunião direto pra se segurar, lá em São José Operário, lá na igreja. Essa comissão certa, a gente se reunia para discutir o que ia fazer (Marta, 74 anos, em 06/07/14).

Face às dificuldades cotidianas da ocupação, a comissão elaborou em 11 de dezembro de 1987, uma carta às lideranças da Igreja Católica e a membros de outras igrejas cristãs, associações e movimentos⁹. Nesta, solicitava-se apoio e ajuda material, particularmente para alimentação e construção das casas. Abaixo, um fragmento do documento:

Nós homens, mulheres, jovens e crianças de várias Comunidades cristãs da cidade (São José Operário, São Pedro...) estamos vivendo uma situação extrema: com salário ou com um salário de fome, sem casa e pagando aluguel, por um quartinho 2000,00 Cruzados ou mais. Não vemos condições de sair deste sofrimento. Encontramos uma oportunidade de resolver em parte este problema ocupando os terrenos do antigo Campo de Aviação. Por que ocupamos esta terra? Era uma terra abandonada, cheia de mato e já há tempo sem aproveitamento. ***Conseguir um terreno para morar significa para nós a esperança de viver com dignidade que é o primeiro direito de todo o cidadão brasileiro.*** Como cristãos sentimos que este direito nascido da própria dignidade humana, coincide plenamente com aquilo que Deus Pai está querendo e Jesus nos ensina no Evangelho (Fonte: Acervo da ESPA, grifos nossos).

É possível identificar, mediante conteúdo do documento, que grande parte dos ocupantes pertenciam a bairros periféricos da cidade: Campo Limpo (São José Operário e São Pedro Apóstolo) e adjacências: Gabriela (São Francisco), Pampalona, Rua Nova, Mangabeira – nomes que aparecem no final da carta – e viviam em condições de extrema vulnerabilidade e pobreza, sem casa, sem salário ou com salário de fome, pagando aluguel.

A carta teve como objetivos mobilizar mais pessoas para conhecerem a realidade e necessidades presentes no cotidiano da ocupação, bem como incentivar a solidariedade entre a comunidade feirense. A resposta do bispo, Dom Silvério, e do clero feirense veio logo,

⁹ O documento pode ser lido e visualizado na íntegra na dissertação de mestrado *Religião e Dádiva na efetivação de um projeto de moradia no bairro George Américo – Feira de Santana – BA*, disponível no banco de teses e dissertações da Universidade Católica do Salvador, mediante busca no site: www.ucsal.br.

através de carta dirigida às autoridades municipais e às pessoas da comunidade local, em 16 de dezembro de 1987.

Como é do conhecimento geral, o problema da moradia afeta a milhares de famílias nesta cidade e em outras como esta. Eis aqui a razão, assim cremos, pelo qual milhares de pessoas partiram para ocupar as terras do antigo campo de aviação, pois que já passaram por situações desumanas devido a eles não terem casa própria. Tanto a Sagrada Bíblia quanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos, reconhecem e defendem *o direito das pessoas terem habitação*. O livro do Eclesiástico diz o seguinte: “Eis o fundamental para se viver: água, pão/, roupa e *casa para resguardar a própria intimidade*”. (Eclo 19,21) E o artigo 25 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, como que secundando a Bíblia, afirma: “Todo o homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário e habitação...” (Fonte: Acervo da ESPA, grifos nossos).

A ocupação das terras do antigo campo de aviação, inserida no contexto de desenvolvimento socioeconômico que particularmente, desde a década de 70 e 80, acompanha a cidade de Feira de Santana, repercutindo diretamente no problema de habitação (CALDAS, 1998; FREITAS, 1998; SANTOS, 2010), não é alheio às preocupações da instituição católica, “parecendo-nos quase evidente que os terrenos do antigo campo de aviação não poderiam ter um destino melhor do que servir para dar teto a todas estas famílias” (16/12/1987). Às vésperas do Natal, o apelo de se reconhecer nas famílias da ocupação, “a família de Nazaré em busca de um lugar para morar” (Ibid.), um convite para que a fé pudesse ser traduzida em atitudes e gestos concretos de solidariedade.

Evidenciam-se nas cartas elaboradas pela comissão e dos representantes da Igreja Católica, valores religiosos que coadunam com os direitos humanos, especificamente o da moradia. A esta postura que busca orientar a conduta do fiel no sentido de integrar fé e obras, Procópio Ferreira de Camargo designa catolicismo internalizado, que compreende:

1º) *o comportamento religioso e social orientado conscientemente por valores religiosos*. 2º) o que implica explicação racional (em termos de meios e fins coerentes) dos valores, normas e papéis religiosos. 3º) o que acarreta relativa diferenciação – e mesmo tensão – entre os valores religiosos conscientes e o sistema axiológico predominante na sociedade inclusiva (1971, pgs. 07-08, grifos nossos).

E ainda:

O processo de internalização baseia-se na aceitação de uma constelação valorativa precisa e consciente por parte dos fiéis. Nesse sentido, mesmo no catolicismo, o processo assume formas divergentes de acordo com os valores predominantes em cada movimento de internalização (Ibid., p. 23).

Na tipologia de Camargo, transparece um dos aspectos fundamentais da vivência religiosa: a consciência de saber o porquê se professa uma dada religião, quais são os princípios e valores que ao serem livre e responsabilmente assumidos, passam a orientar conscientemente a conduta do fiel, estendendo-se ainda ao ambiente social no qual se encontra inserido. Em *Igreja e Desenvolvimento*, o autor empreende um estudo sobre o Movimento de Natal, que consistiu num conjunto de atividades sociais realizadas pela Diocese de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, a partir de 1948, encontrando sua maior expressão no período de 1958 a 1963 e eclipsando na década de 70. Inscrevendo suas ações em área subdesenvolvida, as atividades da igreja almejavam, além de fins religiosos, incrementar a vida comunitária, a saúde e a educação.

Camargo (1971), qualifica as ações do Movimento de Natal como próprias do catolicismo internalizado, uma vez que em muito superavam o nível meramente assistencial, constituindo-se em “instrumento de mudança social, capaz de afetar, de modo significativo, as relações de poder, as ideologias e os padrões de comportamento da região” (Ibid., p. 39).

No que diz respeito à formação do bairro George Américo, a atuação das Comunidades Eclesiais de Base foi de fundamental importância para a mobilização coletiva, reivindicação e efetivação do direito à moradia. Conforme achados de nossa investigação, a resposta da comunidade feirense à carta elaborada pela comissão, foi positiva: receberam-se várias doações: água, comida, pão, roupa, material de construção. Diversas comissões foram organizadas para que tais ajudas chegassem a todos.

Fez-se um levantamento das pessoas com maior dificuldade financeira para construir a casa própria, no intuito de contribuir para que deixassem seus barracos.

Eles fazia uma pesquisa, via as condição da pessoa. Eu, no meu caso mesmo, eu perdi o meu esposo, eu não trabalhava, e tava morando de barraco, então a minha vizinha já tinha recebido e ela me indicou pra irmã Marcela e a irmã Marcela foi na minha casa, *viu as minhas condições e me inscreveu*, aí eu recebi (Rute, depoente da Assembleia de Deus, 48 anos, em 28/06/2014, grifos nossos).

Motivados e acompanhados pela comissão, os próprios ocupantes, mediante mutirão, construíram as casas, cada qual ajudando no que podia e sabia: servente e exercendo a função de pedreiro, preparação das refeições que era partilhada ao final do trabalho. Ainda hoje algumas dessas construções, chamadas casas da comunidade, são encontradas no bairro, entre as famílias que não tiveram condições de melhorar sua habitação. Duas pessoas por nós entrevistadas, fazem memória das construções feitas em processo de mutirão:

Eles tinham um projeto de construir as casas, era uma forma de ajudar as pessoas. Aí vinha uma equipe, fazia um mutirão e fazia 2 vãos, 3 vãos, mais ou menos: um quarto, a cozinha e o banheiro. Fizeram diversas casas aqui no George Américo. Fizeram muitas casas mesmo, as pessoas que não tinham condições se cadastravam. *Eles vinham faziam o mutirão*, levantavam e davam o contra piso vermelho e as pessoas vinham e entravam pra dentro da casa feliz. Acho que tem gente até hoje que tem essa casa por aí (Marcos, 38 anos, depoente da Batista Manancial, em 20/06/2014, grifos nossos).

Reunia uma quantidade de gente e ia fazer a casa de Maria, aí Maria juntava com outra quantidade de pessoas fazia um mutirão na casa de João e assim sucessivamente... *Nós tínhamos que trabalhar em comunidade* pra poder receber a casa, ficávamos tipo numa fila, entendeu? Gradativamente cada pessoa ia recebendo a sua, e quando chegou a minha vez eu já tinha trabalhado muito para as outras pessoas. Tínhamos reunião na igreja católica pra definir quem no próximo mês ia receber a casa, quem ia ficar responsável pelo alimento, responsável pra ir buscar o material de construção enfim, essas coisa tudo (Rute, 48 anos, depoente da Assembleia de Deus, em 28/06/2014, grifos nossos).

À comissão, juntou-se o MOC – Movimento de Organização Comunitária, que com os ocupantes construiu 100 cisternas; e os professores e estudantes do curso de Engenharia Civil e Geografia da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, Marialvo Barreto e Gerinaldo Costa¹⁰, que contribuíram significativamente no aspecto topográfico do espaço, a distribuição das ruas, a medição igualitária dos terrenos (8mx20m), o que possibilitou a construção de casas dignas, o planejamento de áreas de lazer, como a praça, o campo de futebol e a feira.

Dentre os procedimentos da comissão, o preparo de chás por parte de um grupo de mulheres para crianças e adultos que adoeciam nos barracos, sob a luz do dia e o frio da noite, fortalecendo e salvando inúmeras vidas. Ainda, as assembleias coordenadas na praça para decisões e encaminhamentos em conjunto e a organização, em parceria com outras entidades,

¹⁰ Este engenheiro também é citado por Caldas (1998), quando fala da participação do Escritório de Engenharia e Topografia TOP-COP na ocupação do antigo campo de aviação.

de uma caminhada com os ocupantes à prefeitura para negociações em prol da efetivação da posse da terra.

A relevância das CEBs na ocupação, particularmente mediante articulação e integração na comissão, para além dos empreendimentos concretos de organização, mobilização, reivindicação de direitos, deve ser buscada no seu método de presença junto a este grupo populacional, já que proporcionou o acolhimento e a valorização de cada pessoa, a inclusão de saberes, conferiu dignidade, resgatou a autoestima, promoveu a solidariedade nas tramas relacionais do cotidiano. Suas ações deram-se na perspectiva da transformação social (CAMARGO, 1971), que tem no cotidiano sua força motriz (HELLER, 2000; PETRINI, 2003). O cotidiano possibilitou a vivência comunitária, pautada na partilha coletiva das diferentes dimensões da vida: força física, alimentos, dores e alegrias, lutas e conquistas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença da religião católica, especificamente das Comunidades Eclesiais de Base, no acompanhamento da ocupação e formação do atual bairro George Américo, trouxe alento, solidariedade e humanidade às pessoas. Frente às marcas da pobreza que geram uma sensação subjetiva de opressão (SARTI, 2007), a presença das CEBs possibilitou esperança, contribuiu para suavizar dores físicas e emocionais, proporcionou inclusão, valorizou e fortaleceu a dignidade da pessoa humana.

Hoje, decorridos 27 anos de existência do bairro, as CEBs ainda marcam presença no cotidiano das pessoas. Diferente do passado, as famílias efetivaram o direito à moradia e tem um espaço para residir. Todavia, as precárias condições de sobrevivência ainda se fazem presentes na vida dos moradores. Diante das quais, no espaço de vivência da fé católica, se forjam possibilidades de ajuda e apoio mútuos, como transparece no relato de Marta, uma das pessoas que entrevistamos em nossa pesquisa, ali residente desde a ocupação:

Se tiver uma pessoa precisando de um médico e não teve jeito de ter o dinheiro, vai fazer um ofertório pra isso. Aqui existe o dom da partilha no George. É o dom da partilha aí. Desde o dia que plantamos chamamos isso de dom da partilha no George. Se tiver qualquer coisa que tenha, se disser assim ‘Cada um traz um prato’, vem muito prato

que ninguém dá conta pra partilhar ali naquele meio (Marta, depoente católica, 74 anos, em 06/07/14).

Nas palavras de Marta, a presença da partilha, que na ocupação fora incentivada e articulada pelas CEBs, permanece viva no cotidiano do bairro. Tanto outrora com no momento atual, ela é fundamental no cotidiano e se constitui em rede de solidariedade no enfrentamento das dificuldades financeiras, cria relações, estreita os vínculos entre os moradores pertencentes ao mesmo espaço religioso, estende-se à vizinhança e demais residentes no bairro.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, C. P. F. **Igreja e Desenvolvimento**. São Paulo: CEBRAP, 1971.

CALDAS, G. O. **Uma produção Popular: Qualificação e requalificação do bairro George Américo Feira de Santana- Bahia 1987-1998**. Salvador: UFBA, 1998. Dissertação de mestrado em arquitetura e urbanismo.

FREITAS, N. B. **Urbanização em Feira de Santana: Influência da industrialização 1970-1996**. Dissertação de mestrado em arquitetura e urbanismo UFBA, Salvador, 1998.

HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
Jornal **Feira Hoje**, 1987.

PETRINI, J.C., **CEBs: um novo sujeito popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

SANTOS, R. E. **Interação Fé e Vida: a caminhada das comunidades eclesiais de base em Feira de Santana (1980- 2010)**. Feira de Santana: UEFS, 2010. Monografia de conclusão de curso em História.

SARTI, C. A. **A Família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 4º ed. São Paulo: Cortez, 2007.